

Alocução de Vittorio Scelzo

Bom dia a todos.

Hoje, além da mensagem do Santo Padre, também vamos apresentar o logo do Dia Mundial dos Avós e dos Idosos. A necessidade de criar um logotipo nasce da experiência da primeira edição do Dia Mundial que, ao lado da celebração romana, foi vivido, de uma maneira que não esperávamos, em numerosas realidades diocesanas, paroquiais e associativas. Depois de mim, Maria Francis, de Bangalore, vai contar o que se fez na Índia. É o que gostaríamos que acontecesse este ano. Uma experiência tão multiforme precisaria de um elemento unificador, um símbolo, que ajudasse a trazer a multiplicidade dos gestos realizados para uma única visão partilhada.

O Papa Francisco, no Angelus em que convocou o Dia Mundial, descreveu-a como uma “festa do encontro” e, por esta razão, escolhemos como logotipo do evento um abraço. Nele se pode perceber o laço, no qual o Santo Padre insiste tanto, entre os avós e os netos, mas poderiam ser também dois esposos que envelheceram como o passar dos anos, mas cresceram no amor mútuo; ou então duas idosas que, vendo declinar as suas forças e recursos, escolhem viverem juntas para sustentarem uma à outra; ou ainda um jovem que vai ao encontro de um idoso sozinho para comemorar o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos. O logo também evoca a saudade de quando podíamos abraçar livremente, e manifesta o desejo de um dia podermos voltar a fazê-lo, mesmo nos lugares onde ainda é proibido.

A velhice é o período da vida em que o valor dos laços fica mais evidente, e na qual se compreende que a solidão é sempre um mal – “não é bom que o homem esteja só”, diz a Escritura – e muitas vezes, como vimos na pandemia, mata. Por esta razão, o abraço da Igreja, através da celebração do *Dia Mundial dos Avós e dos Idosos*, deseja ser mais forte do que qualquer solidão, e a esperança que formulamos é que cada comunidade encontre uma maneira de alcançar a todos. “Convido-vos – diz o Papa – a anunciar este Dia nas vossas paróquias e comunidades, a visitar os idosos mais abandonados, em casa ou nas residências onde estão hospedados. Procuremos que ninguém viva este dia na solidão. Ter alguém para cuidar pode mudar a orientação dos dias de quem já não espera nada de bom do futuro; e dum primeiro encontro pode nascer uma nova amizade. A visita aos idosos abandonados é uma obra de misericórdia do nosso tempo!”

A visita, ao lado da celebração de uma missa dedicada aos idosos no dia 24 de julho, é o cerne da celebração do Dia. É um sinal claro de uma Igreja em saída, que deseja festejar com todos. Acolhendo a sugestão do Santo Padre, propomos que, em todas as paróquias, faça-se um esforço no sentido de ir visitar todos os idosos do território, em particular os que estão mais sozinhos. A alternativa à cultura do descarte é o abraço.

Existe uma dimensão social no abraço, a que já se referiu Sua Eminência, o Cardeal Farrell: é a que o papa chama *revolução da ternura*. Trata-se de uma mudança profunda da nossa sociedade, a que o Santo Padre aspira a muito tempo e que, na atual conjuntura marcada pela guerra na Ucrânia, adquire um valor agregado. Diante de um mundo em que as palavras estão se tornando cada vez mais duras e os muros continuam a se erguer entre as pessoas continuam, surge a proposta da mansidão como forma de ser. Na mensagem, fala-se da necessidade de “desmilitarizar os corações”, como para purificar um ar poluído pela retórica do inimigo e por atitudes opostas. Para tanto, a mensagem contém um convite urgente aos idosos para rezarem pela paz, acompanhado pelo pedido feito depois do Angelus do domingo passado de rezar o terço todos os dias de maio pela paz na Ucrânia.

A fragilidade dos idosos – bem como a necessidade de aceitarem que alguém cuide deles – demonstra que a autossuficiência é sempre uma ilusão perigosa. O abraço, neste caso, pode ser o de alguém que apóia seu passo incerto e evita que ele caia. “não nos salvamos sozinhos, – escreve o Santo Padre – a felicidade é um pão que se come juntos. Testemunhemo-lo àqueles que se iludem de encontrar realização pessoal e sucesso na contraposição. Todos o podem fazer, mesmo os mais frágeis: até mesmo o deixarmos cuidar – muitas vezes por pessoas que provêm doutros países – é uma maneira de dizer que é não só possível, mas também necessário vivermos juntos”. E o que é verdade para os indivíduos também o é para as nações.

O Dia *Mundial dos Avós e dos Idosos*, neste ano de 2022 marcado pela oposição, quer ser um momento para viver a Igreja em saída e indicar humildemente um caminho: o de tornar-se – idosos ou não – “artífices da *revolução da ternura* para, juntos, libertarmos o mundo da sombra da solidão e do demónio da guerra”.